

**UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DL – DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SUÉLEN MAIRA XAVIER FERNANDES

**FAMOSOS QUE LEEM:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIÇÕES ORGULHOSAS OU
ENVERGONHADAS ACERCA DA LEITURA**

São Carlos

2021

**UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DL – DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**FAMOSOS QUE LEEM:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIÇÕES ORGULHOSAS OU
ENVERGONHADAS ACERCA DA LEITURA**

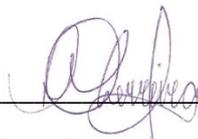
Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por **Suélen Maira Xavier Fernandes** e apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharelado em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino
Coorientador: Prof. Dr. Rafael Borges Ribeiro dos Santos

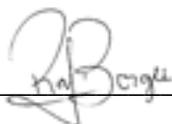
São Carlos – SP

2021

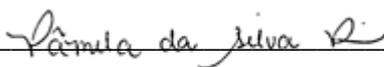
BANCA EXAMINADORA



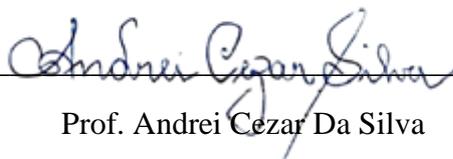
Profa. Dra. Luzmara Curcino
Presidente da Banca
Orientadora



Prof. Dr. Rafael Borges
Coorientador



Profa. Dra. Pâmela da Silva Rosin
Membro Arguidor Externo



Prof. Andrei Cezar Da Silva
Membro Arguidor Interno

Banca de Arguição do TCC realizada remotamente, das 10h às 12h do dia 28 de junho de 2021, cujo trabalho foi aprovado unanimemente pela banca.

Dedico este trabalho ao meu pai Luís Fernandes (*in memoriam*), que não está mais entre nós, mas continua sendo minha maior força na vida. Sua lembrança me inspira, me faz persistir, e sempre querer ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde, coragem e fé, por me ajudar a enfrentar cada obstáculo que encontrei ao longo do caminho.

À minha família, minha mãe Juvelina, meu irmão Marcelo e minha irmã Helga, que me deram todo o apoio e suporte necessário e que são os pilares da minha formação como ser humano.

Ao meu namorado Igor, que sempre me incentivou e nunca me deixou desistir.

À professora e orientadora Luzmara, por ter me orientado com muita dedicação e paciência, pelas correções e ensinamentos que me permitiram concluir este trabalho.

Ao professor e coorientador Rafael Borges, por toda ajuda e suporte e por ter lido com zelo este trabalho.

À professora Pâmela Rosin e ao professor Andrei Cezar da Silva que compuseram a banca de avaliação, leram o trabalho com cuidado e me fizeram indicações importantes para melhorá-lo

A todos que contribuíram de alguma forma, para que fosse possível a realização deste trabalho, especialmente à Secretária da Coordenação do Curso de Linguística, Simoni Aparecida Perrucino Campos, por todas informações e atenção prestados.

A todos que participaram indiretamente do desenvolvimento deste trabalho.

À atual empresa onde trabalho, Peronti, pelo incentivo e ajuda para que isso fosse possível.

Mais do que palavras, ler é saborear
Histórias tristes e belas, cenários de encantar
Mais do que ciência, ler é experimentar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é não ter medo, ler é liberdade,
Ler é ser honrado, ser nobre, ser elevado
Ler é viajar, por terra, por rio e mar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é ser capaz, ler é ser audaz
Ler é arriscado, por isso tem cuidado
Ler é vaguear de dia ou ao luar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é mais que tudo o que possas imaginar
Ler é ser alguém, alguém que tem para dar
Dar e receber, dar para viver
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Eliseu Alves

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, inserido no projeto de pesquisa conduzido pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, intitulado “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”, teve como objetivo levantar e constituir um *corpus* bem específico de enunciados sobre a leitura, obtidos em entrevistas com famosos publicadas em jornais e revistas nacionais de diferentes segmentos, e disponíveis na internet. Buscamos entrevistas em que houvesse alguma menção, fosse ela motivada (quando, em função de uma pergunta, foram solicitados a falar de si), fosse ela espontânea (quando mesmo sem que fossem questionados a respeito, emitiram comentários) sobre a leitura ou sobre eles próprios como leitores. De modo mais específico, selecionamos enunciados em que eram também expressas certas emoções mais comuns em relação à leitura e à condição leitora, a saber, o ‘orgulho’, a ‘vergonha’ e, eventualmente, a ‘nostalgia’. Neste TCC constituímos um *corpus* conciso e específico de enunciados em que essas emoções sobre a leitura foram expressas em entrevistas concedidas por personalidades do campo cultural, conhecidas nacionalmente. Apoiados em alguns princípios da Análise do discurso e da História cultural da leitura, observamos como, em matéria de leitura, certas declarações podem ser recebidas de forma polêmica e, por isso, exigirem retratações, serem, portanto, razão para ‘vergonha’ de seus enunciadores, ou, por outro lado, razão suficiente para a ostentação de ‘orgulho’ de ser ou de saber enunciar de modo a parecer ser leitor, tal como a imagem idealizada que compartilhamos socioculturalmente acerca dessa prática.

Palavras-chave: Discursos sobre a Leitura; Vergonha; Orgulho; Famosos; Entrevistas.

ABSTRACT

This *undergraduate thesis*, a work of course conclusion, inserted in the research project conducted by Profa. Dr. Luzmara Curcino, entitled “Proud readers, shamed readers: emotions in discourses about reading”, aims to raise and constitute a very specific corpus of statements about reading, obtained from interviews with famous people and published in national newspapers and magazines from different segments, available on the internet. We search in which there some mention, motivated (when, due to a question, they were asked to talk about themselves), or spontaneous (when even without being asked about it, they issued comments) about the reading or about themselves as readers. More specifically, we selected statements in which was expressed some emotions in relation to reading and the reading condition, like 'pride', 'shame' and, eventually, 'nostalgia'. In this work we constitute a concise and specific corpus of statements in which these emotions about reading were expressed in interviews given by nationally known personalities from the cultural field. Supported by some principles of Discourse Analysis and Cultural History of Reading, we observe how, in terms of reading, certain statements can be polemically received, require retraction, and became a reason for the 'shame' by their enunciators, or, on the other hand, became a sufficient reason for the display of 'pride' of being a reader.

Keywords: Discourses about Reading; Shame; Pride; Famous; Interviews.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
PERSONALIDADES, MUDIÁTICAS, UNIVERSO DIGITAL E AS ENTREVISTAS	13
REPRESENTAÇÕES DA LEITURA E DOS ENTREVISTADOS COMO LEITORES	19
QUANDO AS DECLARAÇÕES SOBRE A LEITURA GERAM POLÊMICA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho se inscreve nas pesquisas realizadas junto ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE) – CNPq/UFSCar, que compartilham do interesse de depreenderem e analisarem discursos sobre a leitura. Este trabalho, mais especificamente, se inscreve na pesquisa atualmente desenvolvida pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, intitulada “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”. Sendo assim, nosso objetivo ao longo dessa pesquisa foi o de levantar e constituir um *corpus* bem específico de enunciados sobre a leitura, obtidos em entrevistas com famosos e publicadas em jornais e revistas nacionais de diferentes segmentos, disponíveis na internet.

A seleção desses enunciados, da qual apresentamos uma amostra neste trabalho, foi feita com base em um levantamento virtual de entrevistas com diferentes personalidades e que por diferentes razões foram levados a falar da leitura. São, portanto, enunciados que têm em comum sua origem em entrevistas com personalidades famosas em que se definem por sua referência, ainda que breve, meramente alusiva, à prática de leitura. As entrevistas selecionadas continham, todas elas, alguma menção à leitura ou sobre eles próprios como leitores, seja ela motivada (quando, em função de uma pergunta, os entrevistados foram solicitados a falar de si), seja ela espontânea (quando, mesmo sem que fossem questionados a respeito, emitiram algum comentário).

De modo mais específico, selecionamos enunciados em que esses entrevistados, ao falarem da leitura ou de si como leitores, aludem, não de modo necessariamente direto e explícito, a uma emoção como forma e meio de argumentar, como uma maneira legitimada (ou não) de enunciar a esse respeito, adequando-se ou não ao dizível exigido acerca desse tema pela “ordem dos discursos” que os regem, como a concebe e define Michel Foucault (1996). Para o filósofo a ordem do discurso está relacionada às condições sociais e históricas do dizível, que regula a emergência de alguns enunciados e não outros, de um certo modo e não de outro. No que diz respeito à leitura, aos discursos que regulam essa prática, Curcino (2020a) demonstra como há uma distribuição desigual do direito de ser leitor, e que aqueles sujeitos provenientes das camadas populares que conseguem se tornar leitor são vistos e se sentem *penetrar* na cultura dos livros e da leitura, sem o direito, na maioria das vezes, de vivenciar essa prática de forma naturalizada e espontânea, o fazendo sempre à margem, cujo acesso aos meios, códigos, objetos de leitura se constitui como um meio de transgressão de condições sociais desiguais. Em suas

análises, Curcino (2019, 2020b), constata que essa distribuição desigual é razão para se compreender os tipos de emoções mais comuns em relação à leitura e à condição leitora, “já que uns podem ostentar o ‘orgulho’ de sua condição leitora, outros somente conviver com a ‘vergonha’ de sua relação canhestra e estigmatizada com essa prática e, eventualmente, para uns e outros, a ‘nostalgia’ do vivido e do não vivido”. Isso se confirma em relação ao *corpus* que analisamos.

Sendo assim, partimos de uma perspectiva analítica em que os *enunciados* são situados a partir de determinados *discursos e formações discursivas*, incluindo aí as formas de expressão relacionadas a uma dada emoção, cuja emergência histórica e cultural está relacionada a ‘comunidades de leitura’ a que pertencem.

Assim, entre as emoções que normalmente são aludidas ao se falar da leitura, essas identificadas por Curcino (2019, 2020b) como aquelas mais específicas e frequentes, são também aquelas que encontramos e que buscamos demonstrar também com a análise de nosso *corpus*. Em nossas análises observamos “o que” em geral é dito e o “modo” como se diz, ou seja, como enunciam sobre a leitura. As declarações, menções e alusões à leitura trazem indícios dessas emoções, com eventuais variações no modo como são expressas, uma vez que sua alusão se dá em circunstâncias diversas e é empreendida por diferentes sujeitos, que têm em comum o fato de serem figuras públicas no Brasil.

Foi com vistas a apreender a regularidade e a emergência, bem como as prováveis diferenças nos modos de expressão dessas emoções ao falarem sobre a leitura e de si como leitores, que neste TCC levantamos ocorrências capazes de constituírem um *corpus* conciso e específico de enunciados realizados por sujeitos públicos, midiáticos e midiaticizados sobre a leitura e sobre si como leitor. Assim procedemos, selecionando um gênero discursivo bastante específico: entrevistas concedidas a revistas, jornais, sites ou blogs, de diferentes segmentos, por personalidades do campo cultural, conhecidas nacionalmente, em que o tema da leitura emergisse e com ele a expressão de uma das emoções da ‘vergonha’, do ‘orgulho’ ou da ‘nostalgia’.

Embora não tenhamos coletado um *corpus* amplo e sistemático de dados, vale salientar que a proposta desta pesquisa não visa um aspecto quantitativo, mas sim exploratório e analítico, justamente por ser uma pesquisa que se insere em um quadro metodológico qualitativo, isto é, segundo o qual se prioriza dados representativos do fenômeno a ser observado. Por isso, optamos por um *corpus* conciso, mas significativo de nossos interesses e objetivos de pesquisa. Isso sem perder de vista a possibilidade de que os dados aqui

apresentados possam equivaler, em certa medida, ao que outros pesquisadores venham a identificar em análises que visem o mesmo objetivo e o mesmo objeto, com uma coleta mais ampla de dados semelhantes.

Frente a isso, nossas análises e considerações se fundamentam teórica e metodologicamente nos trabalhos realizados pelo grupo LIRE em torno da análise de discursos sobre a leitura que, por extensão, se apoiam em princípios da Análise do discurso, da História cultural da leitura e, mais contemporaneamente, em princípios da História das emoções¹.

Para a apresentação dos resultados obtidos neste trabalho, iniciamos com considerações relativas ao gênero discursivo, a partir do qual delimitamos nossas buscas de enunciados sobre a leitura, a saber, o gênero entrevista. Para isso, tratamos brevemente das semelhanças e diferenças desse gênero em relação à biografia/autobiografia, que compartilham com a entrevista o interesse pela exposição da vida, dos gostos, da opinião dos entrevistados/biografados.

Tendo em vista as especificidades do tipo de entrevista com que trabalhamos em nossas análises, fizemos também breves considerações sobre a circulação digital desse gênero, sobre as formas atuais de sua produção, de sua publicação e circulação, assim como de sua recepção e do papel que essa circulação tem sobre sua recepção, de forma a autorizar comentários, amplificar polêmicas, projetar decisivamente a imagem desses entrevistados, que são, eles próprios, personalidades midiáticas que devem grande parte de sua fama ao que se diz sobre eles nas redes sociais.

As entrevistas da atualidade guardam relações de proximidade com a lógica de exposição pessoal, que tem se intensificado com o sucesso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e tantas outras, que fazem da vida privada o principal produto e conteúdo a ser comercializado. Tanto as entrevistas, como o meio de circulação virtual, digital de algumas delas, atuam como formas potencializadoras da expressão do ‘orgulho’ de si. Assim sendo, e tendo em vista nosso interesse de pesquisa sobre as formas de expressão do orgulho e da vergonha em relação à leitura, buscamos identificar e analisar esses sentimentos no corpus selecionado. Além disso, nos valemos da definição de ‘gênero discursivo’ apresentada por Mikhail Bakhtin (1997), de modo a melhor descrevermos os aspectos constitutivos das

¹ São vários os trabalhos realizados articulando os dois primeiros campos. Cf. a esse respeito, Barzotto e Riolfi (2019); Curcino (2018, 2020a, 2020b); Varella (2014), Borges e Curcino (2017), entre outros. Já em relação à incorporação da História das emoções, cf. Curcino (2020) e os projetos de pesquisa que estão sendo realizados no momento, a saber, Silva e Curcino (2020); Silva e Curcino (2019), entre outros.

entrevistas que integram o nosso corpus de pesquisa e que são a fonte dos enunciados sobre a leitura que aqui analisamos.

PERSONALIDADES, MUDIÁTICAS, UNIVERSO DIGITAL E ENTREVISTAS

O alcance das mídias digitais, hoje, o seu uso e o modo como nos relacionamos com elas influenciam significativamente a organização e o desenvolvimento de nossas relações interpessoais na contemporaneidade, consequentemente o modo como julgamos, apreciamos e representamos diversos temas, entre eles a literatura, a leitura e o ser leitor.

A representação social que se constrói de um sujeito público, motivando empatia e aproximação com os fãs, também pode levar a frustrações quando essas mesmas representações não correspondem ao que se espera socialmente desses sujeitos, dos comportamentos desejados, daquilo que pode e deve ser dito em cada situação e contexto, o que inclui o tema da leitura e sobre ser leitor, em uma sociedade como a nossa, em que a leitura tende a ser uma prática positivamente valorizada.

Ao falar sobre as relações entre seres humanos conectados por mídias digitais, Martino (2014) realça a influência desta interface nos modos de pensar a política, as artes, a economia e a cultura. Essas vidas humanas seguem cada vez mais conectadas e trocando uma quantidade quase infinita de dados. Entre eles se encontram aqueles relativos ao universo dos atores globais digitais. De acordo com o autor, qualquer pessoa pode se tornar uma celebridade nos tempos contemporâneos - o que não quer dizer que todos se tornarão pessoas famosas. A palavra celebridade deriva em sua origem das palavras celebração, comemoração, fazendo alusão à situação de quando alguém fazia algo excepcional, digno de ser celebrado. Na cultura contemporânea, sinaliza Martino (2014, p.173), “parece que o sentido da flecha se inverteu ou mesmo desapareceu: a rigor, não é necessário ter ou fazer nada de especial para ser conhecido. Basta ser conhecido para que isso *torne* a pessoa especial”. É, portanto, nesse ponto que o autor destaca que as mídias digitais ocupam um lugar privilegiado na construção/fabricação de atores globais.

Em relação aos vários gêneros midiáticos que circulam digitalmente hoje em dia, a sociedade do século XXI é, em boa parte, tecida nos ambientes digitais *online*, o que produz intensas transformações e desdobramentos em novos contextos, nos quais os gêneros discursivos assumem uma nova configuração (NOGUEIRA, 2015, p. 288). De acordo com o pesquisador, os gêneros midiáticos “são elementos constituintes do universo informático e

informacional nos dias atuais”, tratando-se de um fenômeno sociocultural que reorganiza e de certa forma estabiliza as situações comunicativas. Assim, a linguagem característica do universo cibernético é a linguagem hipertextual, ou seja, reúne num só meio várias formas de expressão para além do texto, como, por exemplo, imagens, animações, sons e músicas.

Nesta realidade em que a interação social está marcada pela amplitude das redes sociais e de conhecimentos, nas redes digitais, é possível caracterizar a cibercultura “pelo conjunto de tecnologias, de práticas, de costumes, de maneiras de expressar o pensamento, de opinar, de expressar sentimentos, de manipular informações, de se relacionar [...]” (NOGUEIRA, 2015, p.289). Esse espaço-discursivo possibilita a interação entre os gêneros discursivos e o aparecimento de novos gêneros experimentados coletivamente. Ademais, o autor (2015) ressalta a curiosidade que direciona o envolvimento da juventude para explorar formas diferentes de comunicação e expressão em relação às mídias clássicas. Dentre alguns gêneros experimentados pelo advento da tecnologia digital encontram-se *e-mails*, *chats*, *blogs*, e comentários em redes sociais diversos, “mediados pelas aceleradas tecnologias que avançam numa velocidade que antes só poderia ser previsto por meio de filmes de ficção científica” (NOGUEIRA, 2015, p.290).

Ainda de acordo com o autor, os gêneros midiáticos seguem em constante interação e dentro de um processo de transformação, de ruptura e inovação no contexto daquilo que se fala e escreve, gerando possibilidades que vão muito além do uso de elementos hipertextuais, como a oportunidade de expressar emoções, posturas e descontentamentos, por exemplo, com extrema rapidez num ambiente informal e descontraído. Ele descreve:

Os gêneros no ambiente virtual identificam-se pela sua relação temporal síncrona ou assíncrona; de duração indefinida, rápida ou limitada; pela extensão do texto, longa ou curta; pelo formato textual com turnos encadeados, texto corrido, sequências soltas, estrutura fixa; em relação ao número de participantes: dois, múltiplos ou grupo fechado; quanto a relação dos participantes: conhecidos, anônimos ou hierarquizados; em relação a trocas de falantes pode ser alternada ou inexistente; quanto a função pode ser interpessoal, lúdica, institucional, educacional; quanto ao tema pode ser livre, combinado ou inexistente; quanto ao estilo pode ser monitorado, informal ou fragmentário; em relação ao canal pode ocorrer somente com texto escrito ou, com oral e escrito, ou, com texto e imagem ou, ainda, por paralinguagem; quanto a recuperação de mensagem pode ocorrer por gravação ou serem voláteis (NOGUEIRA, 2015, p.291).

Ao retomarmos a questão da entrevista enquanto *corpus* escolhido para a presente pesquisa, é importante ressaltarmos o caráter particular da entrevista enquanto gênero discursivo anterior e que se mantém atual no cenários dos textos digitais. Em grande medida,

não sofreram alteração de seu formato. Nelas, como em todo e qualquer texto, se pode apreender discursos diversos, que são ali reiterados. Por meio delas se torna público ideias e opiniões da pessoa entrevistada. Em sua caracterização como gênero, a entrevista pressupõe a troca interlocutiva entre pelo menos duas pessoas (entrevistador e entrevistado). Pela lógica de suas respostas, ela tem um caráter descritivo e expositivo, e no caso das entrevistas publicadas em jornais e revistas, ela dispõe de elementos antecipadores, como a manchete ou título (que adiantam o teor da mensagem e busca despertar o interesse no leitor); de elementos contextualizadores, como a apresentação inicial (que traz uma breve descrição da biografia do entrevistado e aspectos que remetem ao tema); de elementos que restituem e simulam a cena do diálogo, no qual o tema relaciona-se a aspectos gerais ou pontuais da vida do entrevistado (que se trata da entrevista propriamente dita).

A entrevista é um gênero de promoção do indivíduo, de sua vida, de aspectos específicos relativos à notoriedade dos sujeitos. Em conjunto com a entrevista, a biografia (*bio vida* e *grafia escrita*) e a autobiografia estão entre os gêneros que dão maior visibilidade para a vida profissional e pessoal das celebridades e personalidades públicas. A entrevista faz parte do rol desses textos que contam aspectos da vida de um indivíduo. Trata-se de um gênero não-ficcional, pautado numa mistura entre o jornalismo, mas também em marketing pessoal.

A entrevista publicada em jornais e revistas da mídia, diferentemente da biografia e da autobiografia, deriva de uma existência prévia oral para então ganhar sua versão final em textos escritos ou vídeos produzidos e editados do diálogo promovido entre duas ou mais pessoas, sob a forma de perguntas e comentários, espontâneos ou antecipadamente combinados. Em geral, a escolha dos entrevistados, daqueles que são considerados aptos a serem convidados a falar de si publicamente, é definida pelo grau de celebridade que o sujeito possui. Esta por sua vez está relacionada à importância social e cultural que se atribui a alguns indivíduos.

Ademais, conforme os estudos empreendidos sobre este gênero “entrevista jornalística” realizados pela jornalista, pesquisadora e professora de Comunicação Social, Medina (2011), a principal característica de uma entrevista é a de sua realização oral, entre duas pessoas, situação em que o enunciado será replicado em forma de texto escrito e, se espera, reproduzido da mesma forma como ocorreu a conversa. Por isso, trata-se de um gênero textual que objetiva informar as pessoas por meio de veículos como revistas, jornais, vídeos, televisão, entre outros. A autora não poupa críticas àquelas entrevistas que simulam ser entrevista, mas não o são já que são antecipadamente definidas, combinadas, com pouco espaço para o debate, reproduzindo assim monólogos autoritários que promovem a “incomunicação”, atuando diretamente na

desinformação dos leitores e no controle da opinião pública. “O diálogo é democrático; o monólogo é autoritário. O primeiro interpreta as vozes dos grandes movimentos populares do século XX; o segundo satisfaz ao jogo da livre expressão, plataforma do liberalismo, nos séculos XVIII e XIX”. (MEDINA, 2011, s/p)

Conforme Mikhail Bakhtin (1997), em sua definição e conceituação dos “gêneros discursivos” como instância fundamental da enunciação, a língua não existe como entidade indiferente a seus usos. Ela se constitui em função dos usos de quem fala e/ou escreve, em situações de comunicação. O aprendizado de seus usos passa necessariamente pelo contato dos indivíduos com os usos sociais da língua, com as formas de enunciar que antecedem o próprio enunciar e que fornecem os meios para todo e qualquer indivíduo formular o seu discurso (em situações de fala ou na escrita de textos).

De acordo com Bakhtin (1997, p.280), são variadas as esferas da atividade humana e elas estão sempre relacionadas à linguagem. Por isso “o caráter e os modos dessa utilização são tão variados como as próprias esferas da atividade humana”. Ainda segundo ele,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, essa seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p.279).

Os gêneros são formados pelos seguintes elementos: conteúdo temático, estilo e forma composicional. Eles são os elementos de base na definição e constituição de um gênero discursivo. Segundo o autor, cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados de *gêneros de discurso*. Para Bakhtin (1997, p.280) “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. Além disso, de acordo com Curcino (2010, p. 1)

Embora os leitores de um gênero possam eventualmente coincidir com os leitores de outro, os usos dos objetos culturais e as formas de interpretação dos textos não necessariamente coincidem, entre outras razões, em função de suas expectativas e de seus interesses diversos, de técnicas intelectuais distintas, enfim, da partilha (ou não) de uma memória sociocultural comum.

Para a autora (2010), a construção composicional característica de um gênero é o elemento que permite a apreensão imediata da totalidade do gênero e de identificação prévia de sua especificidade enquanto gênero. Essa avaliação prévia ou identificação prévia do gênero de um texto, relacionada a sua construção composicional, pode influenciar ou reorientar as expectativas de quem vai lê-lo. Cada leitor lê em função dos juízos de valor que compartilha socialmente, de seus conhecimentos prévios, dos discursos que são acionadas durante o seu processo de apreensão do sentido dos textos na leitura.

A entrevista é um desses gêneros cuja construção composicional permite imediatamente a todo leitor reconhecê-la como tal, onde se expressam os participantes, a divisão dos turnos de fala, a indicação dos interlocutores. Ela compõe uma das seções tradicionais dos principais jornais e revistas, de viés informativo, do país. Ela representa o espaço dedicado para dar visibilidade aos feitos de indivíduos, seja para promovê-los, seja para criticá-los. Por ser um espaço em que se dá voz a um indivíduo, como todo indivíduo é membro da sociedade e como suas representações e práticas constituem-se socialmente, no que dizem sobre si se encontra uma série de discursos. Alguns desses entrevistados devem sua notabilidade por suas ações e ancoragem no campo cultural. Em suas entrevistas é muito comum emergir alusões sobre a leitura. É especialmente esse tipo de ocorrência que nos interessa em particular aqui.

REPRESENTAÇÕES DA LEITURA E DOS ENTREVISTADOS COMO LEITORES

Uma representação da leitura muito recorrente em nossa sociedade é a de que sua prática traria benefícios absolutos à vida de qualquer indivíduo, muitas vezes contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual, mas também moral. Sem dúvida, a leitura pode funcionar dessa forma, porém, não necessariamente se presta a essas finalidades e resultados. Tanto Abreu (2001b) quanto Britto (2016) criticam uma certa representação idealizada e estereotipada da leitura em nossa sociedade, uma vez que ela mascara as leituras efetivamente realizadas no cotidiano, dificultando um entendimento mais preciso e coerente acerca do tema no Brasil. Boa parte desse imaginário idealizado sobre a leitura e sobre o que é ser leitor se fundamenta em uma longa história de discriminações, baseadas antigamente na comparação das práticas culturais entre europeus e brasileiros, que se constituíram de representações compartilhadas no final do século XVIII e começo do XIX, e que vigoram ainda hoje entre nós, deslocadas da realidade da maioria dos brasileiros hoje em dia.

Apesar dos séculos transcorridos e das mudanças culturais que relativizaram certas crenças, tanto a imagem idealizada do leitor quanto a hierarquização que ela pressupõe circulam ainda entre nós com valor de verdade, sem levantar muita suspeita ou questionamento, de forma naturalizada, inviabilizando uma outra postura ou visão sobre a leitura (MANFRIM e CURCINO, 2020, p. 903).

O conjunto coletivo de crenças, sentidos e valores compartilhados em uma dada sociedade em determinado período histórico, ou seja, a *representação* do leitor idealizado, é descrito pelas autoras como “aquele que vive cercado por livros, que lê frequentemente, não qualquer coisa, mas certos textos de prestígio, sempre em sua totalidade, em geral para ilustração, mesmo quando se trata de textos ficcionais” (MANFRIM & CURCINO, 2020, p. 903). Assim, há um ideal construído e reforçado sistematicamente ao longo da história, e intensificado pelas mídias.

Pierre Bayard (2007), em seu livro “Como falar dos livros que não lemos?” critica o sistema impositivo de obrigações e imposições relacionadas às representações idealizadas do que seriam as “boas” práticas de leitura. Ele busca desmistificar algumas dessas representações que são fonte de vergonha e ressentimento da parte de leitores e não leitores, abordando as possíveis situações constrangedoras que um “não leitor” pode vivenciar. Além disso, Bayard (2007) sugere meios de como sair dessas “saídas justas”, e reúne todos os aspectos do seu texto numa mensagem bastante explícita sobre os conselhos “reunidos ao longo da vida de um não leitor” para abrimos mão da vergonha de expressarmos nossas opiniões sobre a leitura e sobre nós como leitores, assim como para nos permitir elaborar os nossos próprios relatos acerca de livros não lidos e ou lidos e esquecidos.

Ele, e outros críticos dos usos sociais que são feitos de discursos sobre a leitura que, em função de sua idealização e seu caráter hierárquico, se tornam formas de estigmatização de muitos leitores e de muitas práticas, tidos como exemplos de não-leitura. Essa complexidade e amplitude do tema levou Varella e Curcino (2014, p.340) a realizarem um “levantamento de representações que se fazem das práticas de leitura de brasileiros na contemporaneidade [...]”, a fim de analisar diferenças e semelhanças na produção de vídeo-campanhas de promoção dessa prática. Ao final da pesquisa, elas puderam constatar que existe uma recorrência acentuada do que em geral se diz sobre a leitura quando o objetivo é promovê-la, assim como quanto ao modo desse dizer. Essa regularidade nas campanhas dos mais diversos tipos e origens que têm em comum o compromisso com a promoção da leitura advém de um funcionamento sedimentado sócio historicamente dos discursos consensuais sobre a leitura.

As vídeos-campanhas disponíveis no *youtube*, e analisadas pelas pesquisadoras, segundo Varella e Curcino (2014), partem da ideia da ausência da leitura na sociedade brasileira contemporânea e, assim, buscam motivar essa prática como fonte de prazer e bem-estar. A ênfase, nessas vídeo-campanhas, recai sobre esses discursos da leitura como fonte de prazer e como forma de emancipação, e com isso silenciam questões sociais e históricas relacionadas as desigualdades materiais de acesso à leitura. Em alguma medida, essas vídeo-campanhas tendem a reforçar uma suposta “crise brasileira da leitura”, tendem a reproduzir os mesmos discursos, e silenciar a dimensão material, política e econômica de acesso à leitura, bem como de poder ser e se formar leitor, tal como observam diversos pesquisadores, entre eles Curcino (2018, 2020a), que nos lembra que a leitura e o seu acesso deveriam ser antes entendidos como um direito inalienável de qualquer sujeito em nossa sociedade. A inacessibilidade dessa prática constitui seu valor simbólico distintivo, essa distinção sociocultural é ocasião para alguns indivíduos de ostentação, de engrandecimento da prática e de si como leitor. É nosso papel “examinar com cuidado os discursos que alardeiam o fracasso da cultura letrada no Brasil, examinando o lugar de onde eles partem e seus pressupostos” (ABREU, 2001, p.142), e de analisar as formas de como eles promovem essas distinções.

O que se diz sobre a leitura e o leitor, assim como a maneira desse dizer [...] funciona de forma semelhante à produção e circulação de um “mito” cuja força encontra-se exatamente no poder de oferecer uma explicação simples, sintética, o que garante a sua reiteração, a qual, por sua vez, assevera sua força de verdade (VARELLA e CURCINO, 2014, p.340).

DECLARAÇÕES SOBRE A LEITURA: QUANDO TER VERGONHA, ORGULHO E NOSTALGIA

Neste item, vamos apresentar 3 exemplos de enunciados sobre a leitura obtidos em entrevistas com artistas, publicadas em jornais e revistas nacionais de grande repercussão, nos quais testemunhamos a referência ora à emoção da vergonha, ora à do orgulho, ora à da nostalgia. Por razões distintas, os entrevistados em questão fizeram declarações sobre si como leitores. Nelas se pode observar a reiteração de discursos sobre a leitura.

Algumas declarações públicas acerca de práticas de leitura podem divergir do consenso. Assim sendo, podem gerar críticas, causar indignação, espanto, e tornarem-se alvo de comentários em redes sociais, publicações em revistas, jornais e blogs. Este foi o caso da

declaração dada pelo ator **Caio Castro**², durante uma entrevista, que gerou polêmica em função de ele ter dito que vai ao teatro e lê livros, mas não considera essas atividades o seu passatempo preferido: “Não é que eu não goste, só não gosto muito”.

Figura 1: Extraída do portal Gshow³



Em 2012, tal como declarou o ator, ele tirou um ano sabático e viajou pelo mundo. Durante essa viagem, o ator escreveu um livro para contar um pouco de suas aventuras e mostrar fotos feitas à época. Ele nomeou o livro de “É por aqui que vai pra lá”.

Em 2014, o ator deu uma entrevista para **Marília Gabriela** em seu programa “De frente com Gabi”⁴, na ocasião declarou que não gostava tanto de ler, gerando uma grande comoção midiática, uma revolta e indignação entre famosos e anônimos. Essa declaração teve uma grande repercussão, motivando muitas críticas e comentários afrontosos direcionados ao ator.

² Ator e empresário brasileiro, nascido em 1989, sua primeira aparição na TV ocorreu em 2007.

³ In: GShow. Altas Horas. 26 de abril de 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/altas-horas/O-Programa/noticia/2014/04/caio-castro-rebate-criticas-por-declaracao-polemica-acho-que-faltou-respeito.html>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁴ O programa “De frente com Gabi”, foi ao ar pela primeira vez no SBT, em 1998, e teve a sua última exibição em 2015, ao longo de 4 edições com alguns intervalos. A proposta do programa era colocar os convidados frente a frente com a apresentadora Marília Gabriela para entrevistas em que os temas variavam dependendo do dia e do convidado, como esporte, política, música, etc.

Posteriormente, ao participar do programa da rede Globo *Altas Horas*⁵, ele aproveitou o momento para responder às críticas e se defender, tentando se justificar e reafirmar o seu gosto pela leitura. Num tom de arrependimento e vergonha por ter declarado não gostar de ler, como forma de enunciar menos polêmica, o ator voltou atrás nessas suas afirmações, dizendo que não apenas gostava de ler como também o faz com bastante frequência, e argumentando que o que disse foi mal interpretado:

“Não falei que não gosto e não vou ao teatro, ou que não gosto de ler e não leio nada, muito pelo contrário, eu leio bastante até. Volto a dizer que não é meu passatempo preferido, não é que eu não goste, eu só não gosto muito. Acho que houve uma tempestade em copo d’água”.

Além dessa crítica de que foi mal interpretado, ele reiterou o fato de não ser o seu passatempo favorito e de não gostar muito, se comparado a outras formas de entretenimento, embora afirme que comparativamente com outros, ele considera que lê suficientemente: “eu leio bastante até”. O ator adota uma estratégia discursiva bastante perspicaz, pois pelas gravações e dada a repercussão dos acontecimentos, é inviável negar o que ele disse, mas antes chamar a atenção para modalizações que deveriam ter sido mais bem ponderadas por seus críticos.

Toda a repercussão que teve se deve justamente pelo lugar social que o ator Caio Castro ocupa em nossa sociedade. O que enunciou sobre a leitura produziu polêmica em função de sua visibilidade, já que atua na principal emissora televisiva do país, e com isso se torna um formador de opinião, principalmente entre os seus fãs. Negar o gosto pela leitura e pelo teatro, em alguma medida é negar a arte, da qual ele se beneficia enquanto ator, é revelar, em certa medida, um descaso com a leitura e com o teatro, colocando-os em um plano inferior em relação ao trabalho que o ator desenvolve. Tudo isso é intensificado pelo fato de ser um sujeito que ocupa um lugar social que lhe proporciona condições materiais e, supomos, intelectuais para usufruir desse acesso, diferentemente da maioria da população brasileira.

Um outro agravante do que ele enunciou, segundo os julgamentos que se fizeram dele, se deve por alguns colegas de trabalho do ator se sentirem diretamente afetados com o seu

⁵ “Altas Horas” é um programa brasileiro, apresentado por Serginho Groisman, tendo sido transmitido pela primeira vez em 2000 e segue até o momento desta pesquisa (2021). Ao longo dos anos o programa já teve vários formatos, mas sua plateia é, prioritariamente, formada por adolescentes. Os temas tratados são diversos como música, arte, entrevista, etc. Atualmente vai ao ar aos sábados, em períodos noturnos.

enunciado, muitos que atuam na TV, mas também no teatro, que consideram o teatro um meio de sustento e a leitura uma possibilidade de melhora social e humana.

Entre as várias notícias e comentários online que nos levam a essas análises selecionamos uma delas, presente no RD1⁶:

O ator **Caio Castro** causou revolta na classe artística. O bonito está sendo bombardeado nas redes sociais por alguns colegas de profissão, inclusive da TV Globo, após dar uma declaração polêmica em entrevista ao programa de **Marília Gabriela** no canal GNT. No papo, o artista declarou não gostar de teatro e que tem o hábito de ler apenas por obrigação.

Em nossa sociedade, a leitura por obrigação, ainda que seja realizada frequentemente e em grande quantidade, tende a não gozar do mesmo prestígio social que a leitura feita de forma espontânea, por prazer e ócio.

A atriz **Ingrid Guimarães**⁷ foi uma das vozes indignadas com a afirmação do ator, a quem alfinetou nas redes sociais, sem citá-lo nominalmente:

“Vendo a entrevista de um jovem ator famoso dizendo que ‘o teatro não me apetece’ e ‘não gosto nem de ver’. Depois ele diz que lê por obrigação para ‘estar antenado’ quando alguém perguntar. Fico pensando como vão ser os atores do futuro que não tem formação, não passaram pelos palcos, não viveram em grupo, não têm referência e já tem uma equipe enorme de empresários, assessores, e ganham um dinheirão logo nos primeiros anos de carreira. Nada contra. Só me espanta ver como alguns jovens atores se distanciam cada vez mais da essência da profissão e fazem dela um grande negócio. São eles que vão influenciar os outros jovens falando sobre glúten e whey-protein nas redes sociais. São eles que vão provar que nesta profissão é melhor abrir casas noturnas e restaurantes do que perder um fim de semana de sol num teatro”, escreveu ela.

Considerando o lugar de fala e de visibilidade que **Ingrid Guimarães** ocupa no Brasil, sua declaração rapidamente ganhou repercussão e outros atores também se manifestaram em consonância com o posicionamento da atriz: *“Chocante, triste, um absurdo, mas absolutamente natural e coerente com estes tempos que nos deram pra viver. Por que o espanto? Não sei quem é a anta e nem me interessa em saber, mas me regozijo em não tê-la pastando em nosso jardim”,* postou o ator **Pedro Paulo Rangel**⁸.

⁶ In: Portal Terra: rd1. DATA. Disponível em: <<https://rd1.com.br/entrevista-de-caio-castro-na-gabi-causa-indignacao-na-classe-entenda/>>. Acesso em: 10 jun. de 2021.

⁷ Ingrid Guimarães é uma atriz e humorista brasileira, nascida em 1972, tendo iniciado a sua carreira em 1987. Atualmente sustenta o título de ser a atriz brasileira mais vista nos cinemas na última década.

⁸ Pedro Paulo Rangel é um ator, diretor e tradutor brasileiro, nascido em 1948, tendo iniciado sua carreira justamente no teatro.

No argumento de **Ingrid Guimarães** ressoa uma certa mágoa e ressentimento sobre a perda da essência da sua profissão naquilo que enunciou **Caio Castro**, em que o valor da arte não se dá pela sua qualidade e pelo fazer artístico, mas antes disso pela remuneração que ela proporciona aos que a produzem, levando à produção de distinções e hierarquizações entre a atuação na TV e no teatro.

Além disso, o posicionamento de **Caio Castro** se torna ainda mais contraditório e passível de crítica se considerarmos o fato dele ser autor de um livro, ou seja, ao declarar que a leitura não é uma prática agradável e que se ele faria por prazer, mas é benéfica quando atende aos interesses individuais e de produção de capital, enquanto mercadoria rarefeita em nossa sociedade, de acesso minoritário e de distinção social. Nesse caso, a *formação discursiva*, que envolve todo o contexto que se deram essas declarações, fornece as condições necessárias para que emergjam enunciados como o seguinte: “Ator que não gosta de ler lança livro e entra na lista dos mais vendidos”⁹:

“Segundo a publicação especializada PublishNews, com 661 exemplares vendidos na semana, o livro que traz fotos de viagem ficou em 10º lugar na lista de não ficção. Ao relatar o fato, não escapou ao editor do site lembrar, com ironia, que Caio Castro revelou, ao promover o livro, que não gosta de ler (...)”

O cotejamento entre esses vários enunciados nos permite analisar certos discursos sobre a leitura, a partir dessas entrevistas estruturadas e de comentários postados na internet. Esse acontecimento discursivo, que fomentou o tema da leitura, permitiu-nos observar o quanto são recorrentes certos discursos sobre a leitura, o quanto eles são mobilizados diante de declarações consideradas ortodoxas, o quanto esses posicionamentos heterodoxos são condenados e impõem a quem os enuncia sentir vergonha em relação ao que dizem e fazem acerca dessa prática. **Caio Castro** não necessariamente sofre de fato com suas declarações sobre a leitura, uma vez que dada sua condição social, econômica, profissional, ele não compõe o enorme grupo daqueles que não puderam se dar ao “luxo” da leitura, inclusive ao “luxo” de escolher não ler, de poder dizer não gostar de ler. Ele pode ser leitor, assim como pode usufruir de outras experiências que a maioria da população brasileira não pode, como viajar durante um ano sabático.

⁹ In: Blogosfera UOL. Disponível em: <<https://mauriciostyger.blogosfera.uol.com.br/2016/10/07/ator-que-nao-gosta-de-ler-lanca-livro-e-entra-na-lista-dos-mais-vendidos/>>. Acesso em: 10 jun. de 2021.

Apesar da legitimidade e dos privilégios gozados pelo ator, ainda assim ele foi alvo de críticas em função da dissonância do que ele disse sobre a leitura em relação aos discursos validados sobre a leitura. Não sem razão, muitos que não leem ou não gostam de ler, mas sabendo dos valores simbólicos da leitura, optam por omitir e mentir, ou seja, fingir ter lido por vergonha de não poder se declarar como não-leitor, afinal,

A leitura, a leitura de certos livros, a posse de livros, a pose com livros, tudo isso desempenhava e desempenha ainda hoje importante papel como símbolo de distinção. Não sem razão, a ostentação da condição de leitor e a condenação de sua ausência ou a estigmatização de certas práticas de leitura, consideradas menos legítimas e por isso invisíveis à nossa percepção e não dignas de nosso reconhecimento, são exploradas frequentemente na construção da imagem pública dos sujeitos. (CURCINO, 2018, s/p).

Figura 2 - Extraída do site *Veja Abril*¹⁰

Fagundes: 'O nazismo eliminava idosos, a história não pode se repetir'

Ator fala a VEJA sobre a vida na quarentena, critica o desprezo pelos mais velhos e fala de Regina Duarte: "Minha torcida é que ela não se queime mais"

Por **Raquel Carneiro** Atualizado em 17 abr 2020, 15h32 - Publicado em 17 abr 2020, 15h03



¹⁰ In: Veja Abril. 17 de abril de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/fagundes-o-nazismo-eliminava-idosos-a-historia-nao-pode-se-repetir/>. Acesso em: 15, Jun. 2020.

Em 2020, **Antônio Fagundes**¹¹ concedeu uma entrevista à revista *Veja* para falar sobre sua nova peça que estrearia no Rio de Janeiro, mas que tinha sido adiada devido a pandemia. Logo no início da entrevista, Fagundes expressa o seu amor pela leitura e seu orgulho de ser leitor, dizendo que dedica um tempo de seu dia para praticar leituras e que costuma indicar livros às pessoas em redes sociais:

Entrevistador(a): Como tem sido essa descoberta das redes sociais na quarentena?

Antônio Fagundes: As redes são envolventes: se você entra e fica... você fica, e fica, não sai mais. Dedico uma hora e pouco por dia, tenho usado especialmente para dar dicas de livros aos seguidores. Amo ler e agora estou tendo um tempo para leitura que normalmente eu tinha de cavar entre meus dias movimentados. Lia enquanto esperava para fazer uma cena, no período de refeição, tirava algumas horas de sono da minha vida. Agora, basicamente sento e leio por horas. Estou lendo um livro a cada dois dias. E em média uns três filmes por dia. Logo, o dia vago está ficando curto.

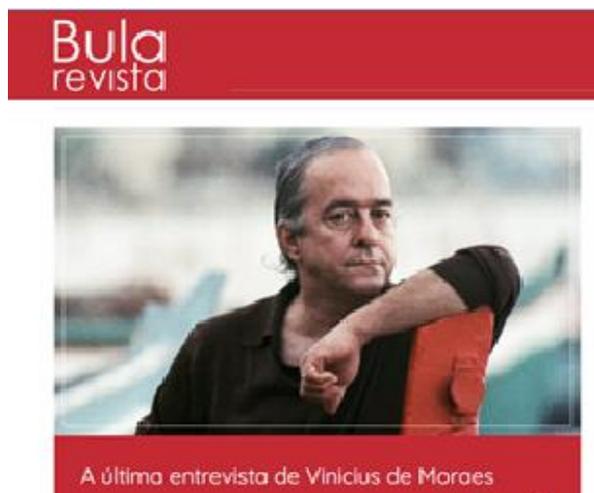
Nesse enunciado o ator se apresenta como leitor, mas não apenas. Ele acrescenta que realiza leituras com regularidade “Lia enquanto esperava para fazer uma cena”, que o faz por prazer “Amo ler”, que o faz por muito tempo “Agora, basicamente sento e leio por horas”, que lê muito e que lê livros “Estou lendo um livro a cada dois dias”. Além disso, como relatou o artista, ele também tem adotado o hábito de dar dicas de leitura, de obras e autores a seus seguidores nas redes sociais “Tenho usado [o tempo nas redes sociais] especialmente para dar dicas de livros aos seguidores”.

Nesse pequeno fragmento de sua entrevista, ele reitera muitos dos discursos consensuais e eufóricos sobre a leitura ao se apresentar não apenas como leitor, mas como leitor ideal, leitor orgulhoso de si, dadas as características autoatribuídas como leitor e suas semelhanças com as representações idealizadas da leitura e do leitor, predominantes e compartilhadas socioculturalmente entre nós. Sendo leitor, e sendo o leitor que é, ele outorga mesmo a condição de quem pode indicar leituras. Essa é outra regularidade que se pode observar em representações de leitores.

Em contraponto ao efeito produzido pelas declarações do ator **Caio Castro**, que repercutiram como um ingênuo “sincericídio”, ao declarar não gostar de ler, as declarações de **Antônio Fagundes** lhe outorgaram benefícios simbólicos, dada a adequação do que disse sobre si com os discursos dominantes sobre a leitura.

¹¹ **Antônio Fagundes** é um ator, dublador, produtor e roteirista brasileiro.

Figura 3 - Extraída do site *Revista Bula*¹²



A revista *Bula* trouxe uma entrevista de **Vinicius de Moraes**¹³ concedida ao jornalista Narceu de Almeida em 1979, um mês antes de falecer. Nela, o poeta se mostra um leitor exigente, relata a leitura como uma prática que exercia com mais frequência no passado e justifica essa menor frequência na atualidade em função da baixa qualidade das publicações que lhe chegam às mãos.

Entrevistador: Você se tornou mais exigente?

Vinicius de Moraes - MUITÍSSIMO mais exigente. Hoje eu leio muito pouco, porque a maioria das coisas publicadas me parece ruim. Atualmente, quando encontro um escritor que me interessa, para mim é uma festa. Mas, em geral, mal consigo passar das primeiras quatro ou cinco páginas.

Nessa declaração, Vinicius de Moraes denota certo tom de nostalgia ao falar da leitura, quando se refere sub-repticiamente ao fato de que no passado lia mais “Hoje eu leio muito pouco” e isso porque antes os livros seriam, a seu ver, melhores do que os produzidos na época em que ele concede a entrevista. Ao afirmar que lê menos, ele o faz justificando-se, porque sabe

¹² In: *Bula revista*, 1979. Disponível em: <https://www.revistabula.com/369-a-ultima-entrevista-de-vinicius-de-moraes/>. Acesso em: 15, jun. 2020.

¹³ Vinicius de Moraes foi um poeta, jornalista, cantor e compositor brasileiro do século XX, nasceu em 1913 e faleceu em 1980, no Rio de Janeiro, tendo deixado um legado cultural e literário que marcou sua época.

que é “preciso”, mas também porque a justificativa da qual se vale lhe agrega valor enquanto um leitor exigente, reforçando a sua imagem de intelectual.

No universo intelectual, em nossa sociedade, não se pode declarar não ser leitor, ou não gostar de ler, ou ainda, ler pouco. Essas são declarações na contramão dos discursos consensuais sobre a leitura. Por isso, o poeta atribui ao fato de ler menos dois argumentos: o primeiro bastante eufórico em relação a si próprio, ao afirmar que se tornou, com o tempo, mais exigente “Muitíssimo mais exigente”; o segundo ao afirmar que não considera interessantes os livros e autores publicados no seu presente “Hoje e leio muito pouco, porque a maioria das coisas publicadas me parece ruim [...] mal consigo passar das primeiras quatro ou cinco páginas”. Como resultado dessa nostalgia, ele, ao mesmo tempo, constrói acerca de si uma representação de leitor muito exigente, o que é enunciado em tom eufórico, como uma qualidade a ser ostentada, ou seja, como uma qualidade da qual se tem orgulho. Ele também manifesta outro discurso que emerge frequentemente em enunciados que abordam o tema da leitura: o do prazer em ler “para mim é uma festa”.

Além de tudo isso ele dispõe da imagem positiva que, em geral, se compartilha sobre um intelectual e escritor em nossa sociedade, como sendo alguém que lê muitos livros. O poeta confirma, reforça e intensifica essa imagem ao reiterar sua condição como leitor, e ao fazê-lo empregando reiteradamente formas linguísticas intensificadoras, como o uso do advérbio no superlativo “muitíssimo” acompanhado de outro advérbio “mais” que modifica, que qualifica e que intensifica o anterior para mais bem modificar, qualificar e intensificar o adjetivo sobre o qual eles incidem “exigente”. O mesmo ocorre no uso da expressão adverbial “muito pouco”.

O poeta (se)enuncia sem modalização. Tudo é hiperbólico. Sua enunciação expressa a ‘nostalgia’, mas o faz para mais intensamente expressar seu ‘orgulho’ de ser leitor, não qualquer leitor, mas antes um leitor que, de tão exigente, lê menos do que lia comumente no passado, e sendo quem é, e sendo o leitor que é, pode se dar ao luxo de se expressar, sem vergonha, como quem lê menos em relação ao quanto lia no passado.

Figura 4 - Extraída da Revista Bula¹⁴



A revista Bula apresenta uma entrevista da escritora **Clarice Lispector**¹⁵ concedida em 1977 ao repórter Júlio Lerner, da *TV Cultura*. Essa entrevista foi gravada, porém só foi divulgada após a sua morte naquele mesmo ano, quando então a escritora expressa uma certa nostalgia ao falar de si como leitora, relatando a leitura como uma coisa que lhe acompanha desde a infância, de que se lembra que lia muita coisa, mais de um livro por vez, o que não equivale mais a seu presente.

Entrevistador: Na sua formação como escritora quais aqueles autores que você sente que realmente lhe influenciaram, que marcaram?

Clarice Lispector: Eu não sei realmente porque misturei tudo. Eu lia romance para mocinhas, livro cor-de-rosa, misturado com Dostoiévski. Eu escolhia os livros pelos títulos e não pelos autores. Misturei tudo. Fui ler, aos treze anos, Hermann Hesse, [o romance] “O Lobo da Estepe”, e foi um choque. Aí comecei a escrever um conto que não acabava nunca mais. Terminei rasgando e jogando fora.

Com essa declaração, **Clarice Lispector** se apresenta como uma escritora culta, que gosta de ler muitos livros, que o faz desde cedo e sempre. Comparando a entrevista de **Clarice**

¹⁴ *In.*: Bula revista, 1 de fevereiro de 1977. Disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 15, jun. de 2020.

¹⁵ Clarice Lispector, foi uma escritora e jornalista nascida na Ucrânia e radicada brasileira, autora de diversos romances, contos e ensaios, faleceu em 1977 no Rio de Janeiro

com a entrevista de **Vinicius de Moraes**, podemos partir do pressuposto de que na sociedade letrada, autores e escritores são considerados pessoas que leem muito, desde muito cedo, e que o fazem porque gostam, e o afirmam nas entrevistas de maneira orgulhosa e também nostálgica.

Esses dois escritores, mais do que outros sujeitos de nossa sociedade, falam da leitura desde uma perspectiva especializada, respaldada pela crítica intelectual do país, o que contribui na legitimação daquilo que dizem e na força desse dizer. Sendo assim, a repercussão, autenticidade e adesão daquilo que dizem são garantidas por estratégias e mecanismos discursivos diferentes dos demais. **Vinicius de Moraes**, a título de exemplo, consegue expressar a sua criticidade literária e coloca em evidência a sua intelectualidade ao afirmar que lê menos do que antes, justamente por ser crítico daquilo que hoje em dia lhes chega à mão para ler. Já **Clarice Lispector** carrega consigo o empoderamento de uma mulher escritora, para a época e ainda hoje, como sendo uma transgressora do machismo e do domínio masculino nas letras, reconhecida ainda viva pela sua produção intelectual.

Figura 5 - Extraída da revista *Veja* Abril¹⁶



¹⁶ In: *Veja*. 26 de julho de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/greta-thunberg-a-menina-que-se-tornou-o-rosto-das-causas-sustentaveis/>. Acesso em 15 jun. de 2020.

Greta Thunberg¹⁷ forneceu uma entrevista para a revista *Veja* por telefone em 2016. Ao longo dessa entrevista ela se mostra uma leitora árdua, o que nos permite depreender um sentimento de orgulho em suas declarações por ser leitora, pois descreve que é em virtude desse hábito que adquire o conhecimento e a informação que precisa para poder seguir em suas lutas e ideais.

Entrevistador(a): Sua leitura é apenas sobre questões climáticas? Você não tem tempo para se dedicar a outros interesses?

Greta: Infelizmente não me sobra mais tempo para, por exemplo, ler romances. Acabo por me centrar no que considero necessário para servir de base para o ativismo. Mas entrarei de férias escolares e quero escolher uma obra de ficção para ler.

Entrevistador(a): Como se informou para se preparar para discursar sobre um assunto tão complexo?

Greta: Levei anos para entender o tema. O primeiro contato com o tópico se deu quando eu tinha 8 anos, vendo vídeos, como imagens de ursos-polares sofrendo. Aquilo não saiu da minha cabeça, e foi aí que comecei a pesquisa acerca das mudanças climáticas. Como os relatórios não estavam disponíveis de forma fácil, investi centenas de horas para coletar informações. Fui a bibliotecas e li livros como os de Naomi Klein (*ativista canadense*), James Hansen (*climatologista americano*) e George Monbiot (*ambientalista inglês*). Vi filmes como *Uma Verdade Inconveniente* (de Al Gore, ex-vice-presidente dos EUA). Conversei com climatologistas, geólogos e cientistas de diversos campos.

Essa imagem de leitora e ativista intelectual, se contrapõe ao consenso e àqueles discursos mais fatalistas de que “os jovens não leem e não gostam de ler”, ao mesmo tempo em que se contrapõe à ideia de inexperiência e falta de maturidade, características frequentemente atribuídas aos jovens, justamente pela pouca idade e falta de vivências. Ela comenta que sempre leu e lia assuntos complexos sobre ativismo, fazendo menções diretas a autores e obras especializadas no tema, mostrando uma relação concreta entre as leituras que realiza e as práticas que exerce na sociedade, enquanto ativista ambiental. Além disso, ela se mostra uma leitora eclética, que lê muito e diferentes gêneros, ao comentar sobre o seu gosto por livros de romance e de ficção científica, ainda que afirme não ter muito tempo para essas leituras, o faz evidenciando o seu gosto por elas.

Outro aspecto importante de sua declaração é a indicação de formação leitora precoce e perene “eu tinha 8 anos [...] e foi aí que comecei a pesquisa acerca das mudanças climáticas”, o que nos remete às suas condições familiares e sociais que lhe possibilitaram desde muito jovem a ter contato com a leitura e não qualquer leitura, mas de obras especializadas, de assuntos complexos, com relevância social. Esse é mais um traço de orgulho acerca da leitura

¹⁷ Greta Thunberg é uma ativista ambiental de 18 anos, nascida na Suécia e líder do movimento “Greve das escolas pelo clima”, ficou conhecida por ter feito um protesto do lado de fora do prédio do parlamento Sueco.

em sua fala, que começou a ler desde criança, inclusive obras que não foram escritas e nem pensadas para o público infantil, justamente pelos temas que tratam e pelo modo com o fazem.

Por fim, ela ainda se apresenta como uma leitora voraz, obstinada e incansável “investi centenas de horas para coletar informações”, que não se contenta com qualquer tipo de informação, mas que busca, compara e se dedica, isso revela o fato dela, ao menos nessa época, gozar de tempo para essas pesquisas e leituras, algo tão caro e rarefeito em nossa sociedade, o tempo para ler e pesquisar sobre os temas que nos interessam e nos motivam, sem necessariamente ou obrigatoriamente para uma finalidade prática, imediatista e produtivista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem sempre, em entrevistas, se tem a ocasião para que entrevistados se apresentem como leitores, como *bons leitores*, de modo a exprimirem seja a nostalgia, seja o orgulho, e mesmo a vergonha em relação à leitura, a depender do contexto. Nas entrevistas selecionadas para constituir o corpus de pesquisa havia alguma menção, seja motivada (quando, em função de uma pergunta, os entrevistados foram solicitados a falar de si), seja espontânea (quando mesmo sem que fossem questionados a respeito, os entrevistados emitiram comentários) sobre a leitura ou sobre eles próprios como leitores.

Com exceção de uma das entrevistas, em que o entrevistado se opõe aos discursos consensuais sobre a leitura e, por isso, é forçado a se retratar, em todas as demais reitera-se, em alguma medida, a positividade atribuída à leitura e a sua prática, em diálogo com os discursos mais consensuais de nossa sociedade acerca do tema.

Sendo assim, pudemos constatar a importância de analisarmos e refletirmos acerca dos discursos sobre a leitura, de modo a melhor compreender as razões de seus usos, a quem beneficiam, a quem estigmatizam e como se perpetuam. Como pesquisadores dos discursos sobre essa prática, é muito importante, conforme Curcino (2020a) restituirmos a essa prática seu potencial emancipador e lutarmos para garantir a todos, indistintamente, o direito à leitura, o que se faz combatendo estereótipos, compreendendo os usos e funções desses discursos sobre o que é ser leitor, e denunciando as ausências de políticas públicas no Brasil efetivamente engajadas com a formação de leitores e com a superação da tão frequentemente denunciada “crise da leitura”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001a, p.139-157.
- _____. Diferentes formas de ler. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2001b, Campo Grande. *Anais da INTERCOM*. Campo Grande, 2001b. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 07 jun. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. Promoção da leitura x mitificação da leitura. *Boletim ALB*, Rio de Janeiro, n. 3, ago. 1998.
- BARZOTTO, Valdir Heitor; RIOLFI, Cláudia Rosa. (Orgs.) *Leituras Errantes*. 1 ed. São Paulo: Paulistana, 2019.
- BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BORGES, Rafael; CURCINO, Luzmara. Uma análise discursiva do “ser leitor” nas “Dicas de Leitura” do Blog do Galeno. *INTERLETRAS*, v. 6, ed. 24, 2017, p. 1-15. Disponível em: https://www.unigran.br/dourados/interletras/ed_anteriores/n24/conteudo/artigos/U1.pdf. Acesso em 17 jun. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. Tradução de Magali de Castro. In.: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 71-79.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. *Na Ponta do Lápis*. São Paulo, n. 27, p. 32-39. 2016. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/5917/npl27-03ago2016.pdf>>. Acesso realizado em: 03 jun. 2020.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2011, p. 171 – 193. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antonio-candido-o-direito-a-leitura.pdf> Acesso realizado em 13 dez. 2020.
- CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: Rocha, J. C. C. (Org.). *Roger Chartier: a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011, p. 21-53.
- CURCINO, Luzmara. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. *Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Pará*. Número temático: 50 anos de "A Arqueologia do Saber": as contribuições aos estudos da linguagem no Brasil. Vol. 1, n. 57, ago/dez de 2020a. p. 74-91. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CURCINO, Luzmara. *As emoções em discursos sobre a leitura: o orgulho e a vergonha de ser ou não leitor*. Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020b. p. 465-473. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0290-1.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CURCINO, Luzmara. *Das emoções nos discursos sobre a leitura: uma análise dos modos de expressão da 'nostalgia', do 'orgulho' e da 'vergonha' na voz de leitores*. [Projeto de Pesquisa 2019-2022], 2019. [mimeo]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/project/Leitores-orgulhosos-leitores-envergonhados-as-emocoes-em-discursos-sobre-a-leitura>. Consulta em: 22 ago. 2020.

CURCINO, Luzmara. *Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros*. [Relatório científico de Pós-doutorado 2016-2018]. Campinas: UNICAMP/ Versalhes: Université Versailles Saint Quentin en Yvelines, 2018. [mimeo]

CURCINO, Luzmara. Discursos hegemônicos sobre a leitura: uma análise de formas de divisão social dos leitores no Brasil. In.: CURCINO, L; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; (In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CURCINO, L. Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso. In: GREGOLIN, M. R. V.; KOGAWA, J. M. (org.) **Análise do discurso e semiologia**: problematizações contemporâneas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CURCINO, Luzmara. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. (org.). *Discurso: Semiologia e História*. São Carlos: Editora Claraluz, 2011. p. 183-196.

CURCINO, Luzmara. Mutações do suporte e dos gêneros discursivos: mudanças da leitura ou dos leitores?. In.: AGUIAR, Vera Teixeira de; GARCIA, Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia (Orgs.). *Anais*: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, Forum Latino-Americano de Pesquisadores de Leitura. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/1e2/LuzmaraCurcino.pdf>. Acesso em 17 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MANFRIM, Aline; CURCINO, Luzmara. **Uma análise de discursos sobre a leitura presentes no canal “O mundo segundo Ana Roxo”**. Revista *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 901-919, jun. 2020. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2708/1723>. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2708>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MARTINO, Luís MS. *Teoria das mídias digitais*: linguagens, debates, ambientes, redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Disponível em https://www.academia.edu/38817265/Lu%C3%ADs_Mauro_S%C3%A1_Martino_Teoria_Das_M%C3%ADdias_Digitais. Acesso em: 20 jan. 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2011. Disponível em https://issuu.com/emanuellimeira/docs/livro_entrevista-o_di_logos_oss_vel_cremilda_de_a. Acesso em: 10 mai. 2021.

MÜLLER, Fernanda. Como falar dos livros que não lemos? Uma defesa da não leitura. *Anuário de Literatura*, vol.13, n.2, p.138-141, 2008. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2008v13n2p138>. Acesso em: 10 mai. 2021.

NOGUEIRA, Francisco C. *Relações entre Fazeres e Saberes: Gêneros Midiáticos Presentes na Internet e Contexto Escolar*. ICCAL (International Congress of Critical Applied Linguistics), p.287-304, 2015, Brasília. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/iccald/pages/arquivos/ANAIS/DISCURSO/RELACOES%20ENTR E%20FAZERES%20E%20SABERES.pdf>. Acesso em 10 jun. de 2021.

OLIVEIRA, Maria L. A. Literatura e Mídia: uma reflexão crítica. *Verbos de Minas: Letras*, v.9, n.17, p.75-84, 2010. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/233>. Acesso em: 10 jun. de 2021.

ROSIN, Pâmela; GOMES, Robert M. S. Vergonha versus Orgulho. *Revista Sede de Ler*, v.8, n.1, p.21-30, 2020. Disponível em <https://periodicos.uff.br/sededeler/article/view/46538>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CURCINO, Luzmara. SILVA, Andrei Cezar. **Uma análise de representações de Lula como leitor na mídia brasileira**. In: *Revista Línguas(agem)*. Número especial temático. *Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa*. Vol. 32, São Carlos, dez. 2019. (p.29-40). ISSN 1983-6988. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/657>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SILVA, Jeniffer Aparecida Pereira; CURCINO, Luzmara. O gênero multimodal ‘meme’: questões de autoria. In: VIII Encontro de Estudos da Linguagem. VII Encontro Internacional de Estudos da Linguagem: linguagem, arte e o político. *Anais do ENELIN 2019*. Pouso Alegre: Univás, 2020, p. 277-284. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/anaisEnelin2019.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

VARELLA, Simone; CURCINO, Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. *Revista Desenredo*. v.10, 2014, p.337-354. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4157/3091>. Acesso em: 18 jun. 2021.